

## CLIMA E TURISMO

Na nossa civilização moderna, é indubitável que férias e lazer se tornaram indissociáveis da incessante procura de uma melhor qualidade de vida. O turismo tornou-se, mesmo, uma das actividades mais marcantes deste fim de século.

Clima e turismo são duas realidades estreitamente ligadas, embora o sucesso turístico de uma região ou de um país não dependa apenas de factores climáticos. Muitas vezes, até, estes nem são citados entre as principais causas. A geografia do turismo tem assim suscitado duas posições opostas. Uma considera que o poder atractivo do meio ambiente (e portanto do clima) chega por si só para justificar, e mesmo para explicar, a existência da maior parte dos fluxos e dos sítios turísticos.

A outra posição insurge-se contra essa interpretação de conotação determinista e sustenta que cada lugar é potencialmente turístico. No limiar, basta criar um conjunto de serviços que corresponda a uma procura.

Sobre as relações existentes entre o clima e o turismo, acaba de ser publicado nas edições Masson um livro da autoria de JEAN PIERRE BESANCENOT, *Climat et tourisme* (Collection Géographie, 1990, 223 p.). Especialista agora bem conhecido em bioclimatologia humana, J. P. BESANCENOT não aceita nem a primeira nem a segunda posições acima expostas. No seu livro, tenta manter uma posição equilibrada com um duplo objectivo:

- 1) Pôr em evidência o papel dos factores climáticos no fenómeno turístico.
- 2) Avaliar o potencial de atracção, para o turismo e para o lazer, dos principais climas da Terra.

Essa posição reflecte uma das correntes actuais da climatologia geográfica, segundo a qual o clima é um recurso natural que deve ser estudado para ser explorado com maior eficiência; o clima é um elemento integrador da infra-estrutura económica e social; o clima deixa de ser uma abstracção, é um quadro de vida, daí a necessidade de uma profunda análise dos ambientes climáticos.

Para atingir os dois objectivos propostos, o autor propõe métodos de investigação acompanhados de exemplos concretos. Métodos simples que poderão permitir ao utilizador potencial transpor e adaptar, à escala escolhida, os resultados gerais apresentados no livro.

O plano adoptado tem três partes. A primeira, «Princípios e métodos da climatologia turística», fornece as bases teóricas fundamentais da investigação neste domínio. Qualquer análise de climatologia turística encontra-se confrontada com um duplo problema. Ela deve definir com precisão o ideal climático do turista e procurar os meios mais objectivos de compará-lo com a realidade, de maneira a avaliar o potencial turístico oferecido pelo quadro climático e exprimi-lo de forma simples. O primeiro problema é fácil de resolver na medida em que, actualmente, as

exigências da clientela turística são relativamente estereotipadas. As exigências fundamentais do turista são avaliadas no capítulo I: a segurança, o prazer e o conforto. A actividade turística é incompatível com um risco elevado de catástrofes naturais (avalanches, trovoadas, trombas de água, ciclones tropicais...). O prazer é, em primeiro lugar, aproveitar o bom tempo, o sol, o céu azul. Ideal de prazer que pode mudar nos próximos anos se a clientela turística tomar consciência dos perigos acrescidos da exposição prolongada ao sol, provocados pela diminuição da concentração atmosférica em ozono. O clima «confortável» é o clima que não pede um esforço ao organismo. Não deve ser agressivo tanto do ponto de vista térmico (contacto com a pele) como hídrico (a nível respiratório). Assim o clima pode influenciar a patologia e acarretar riscos que são quer directamente associados ao comportamento do turista, quer ligados ao período de férias. O autor trata alguns exemplos fornecidos pela prolongada exposição ao sol (cancros cutâneos), variações brutais do poder refrescante do ar com irrupção de ventos violentos (crises cardíacas), pelo calor húmido (acidentes cerebrais), pelos ambientes quentes e secos (desidratação)... e de uma maneira geral o ambiente de praia no Verão dos países mediterrânicos, caracterizado pela forte insolação, retomando as principais conclusões da sua tese de doutoramento (J. P. BESANCENOT, 1987).

O capítulo 2 é uma recensão muito útil dos principais métodos de investigação em climatologia turística. São passados em revista alguns índices climáticos, mais ou menos complexos, utilizados para traduzir o ambiente climático ou para avaliar o potencial turístico e fazer um balanço crítico. A maior parte dos índices apresentam muitos pontos comuns embora sejam diferentes pelo número, pela natureza dos parâmetros utilizados e pelo peso relativo de cada um. J. P. BESANCENOT limitou-se a expor alguns, escolhidos entre os mais consagrados. É de notar que o autor insiste sobre o facto que só os índices calculados a partir dos dados diários são válidos para reconstituir o ambiente climático real. Além disso, é preciso respeitar as interacções existentes entre os diferentes elementos do clima. Interações que nenhum índice, mesmo o mais sofisticado, pode traduzir correctamente. Parece assim muito mais vantajoso investir na análise dos tipos de tempo, que constitui um método mais sintético. É essa a linha de investigação, na qual J. P. BESANCENOT se integra, que é actualmente mais praticada. Ênfase particular é dada à classificação dos meteorologistas brasileiros, na qual a noção de tipo de tempo concilia a combinação quotidiana de diferentes variáveis climatológicas e a situação meteorológica, à classificação de *Environment Canada*, e à proposta por J. P. BESANCENOT, J. MOUNIER e F. LAVENNE (1978), intermédia entre os tipos de tempo e os índices.

Esses dois capítulos contêm um conjunto de informações expostas com grande clareza, com um real interesse prático e didáctico. Os estudantes em Geografia têm agora à disposição um valioso instrumento de trabalho e de reflexão.

A segunda parte do livro utiliza largamente a classificação proposta por J. P. BESANCENOT *et al.* (1978) para avaliar as potencialidades e as limitações dos climas do Globo para a actividade turística e para o recreio ao ar livre. Os critérios gerais do mosaico climático do Globo adoptados aqui são os utilizados por P. PAGNEY (1976). Três capítulos tratam dos ambientes frios das altas latitudes (capítulo 3), dos temperados das latitudes médias, com inclusão dos países mediterrânicos (capítulo 4), e dos ambientes quentes, secos ou chuvosos, das baixas latitudes (capítulo 5). Uma maior atenção é dada às latitudes médias, mais frequentadas actualmente pelos turistas. Uma breve síntese das principais características de cada grande tipo de clima precede a análise das aptidões turísticas.

Finalmente, a terceira parte traz uma reflexão sobre o valor dos resultados obtidos na segunda parte, em função da clientela (capítulo 6), de certos tipos de actividade ao ar livre (capítulo 7), da escala local e mesmo microclimática (capítulo 8). Uma atenção particular é dada às pessoas da terceira idade. O aumento da longevidade e o bem-estar económico dessa classe etária nos países ricos fazem com que a frequência do seu acesso ao turismo e à vilegiatura seja cada vez maior. Quanto às actividades, o destaque vai para as balneares, muito prezadas pelos turistas durante o Verão, e aos desportos de Inverno, num ambiente climático de montanha. Enfim, o último capítulo vem minorar as insuficiências da determinação das aptidões turísticas dos climas, apresentada na segunda parte do livro. A rede meteorológica utilizada nessa tentativa, feita à escala planetária, é manifestamente inadaptada para tal fim. A maior parte das estações meteorológicas situam-se em condições locais diferentes das representativas do ambiente onde habitualmente se desenvolvem as actividades turísticas. É o reconhecimento por parte do autor da importância da escala fina no estudo do quadro da vida turística. A imagem das potencialidades turísticas dos climas do Globo apresentada na segunda parte deve portanto ser utilizada com muita cautela. Não é nada mais do que um plano de fundo com a ajuda do qual o utilizador potencial poderá formular a necessária adaptação às condições locais e microclimáticas.

O autor conclui, aliás, colocando a questão do papel e do lugar do climatologista numa geografia aplicada às actividades turísticas e afins, no campo da organização dos tempos livres, do planeamento turístico e da tão mal preparada informação turística. J. P. BESANCENOT estima que o especialista em climatologia turística tem o dever de pôr os seus conhecimentos ao serviço da comunidade, indicando com objectividade e independência os aspectos positivos e negativos de cada uma das soluções encontradas. Talvez assim se possa corrigir uma imagem, muitas vezes deformada, imposta pela propaganda turística.

Primeiro livro de síntese (do meu conhecimento) publicado sobre as relações existentes entre o clima e o turismo, o trabalho de J. P. BESANCENOT constituirá sem dúvida um livro de referência, cuja exposição clara, concisa e agradável, atrairá leitores das mais variadas formações. Para terminar, e no sentido de travar a tentação do leitor

de utilizar de maneira apressada as «receitas» formuladas no livro, gostaria de citar as últimas linhas escritas por J. P. BESANCENOT, as quais subscrevo com veemência: «Se a climatologia turística continuar a progredir na via da ciência rigorosa, com uma objectividade sem falhas, conclusões incontestadas e incontestáveis abrigá-la-ão de todas de tentativas de 'recuperação económica' ou de 'apropriação' com fins suspeitos. Talvez, o caminho que nos separa de uma disciplina realmente aplicável seja ainda longo e cheio de obstáculos. De qualquer maneira, este será tanto mais curto e tanto mais fácil de percorrer se se tomar consciência de que é vão esperar o menor sucesso da investigação aplicada sem um aprofundamento da investigação fundamental».

DENISE DE BRUM FERREIRA

#### BIBLIOGRAFIA CITADA NO TEXTO

- BESANCENOT, J. P. — *Les bioclimats humains en façade méditerranéenne de l'Europe. Etude géographique des effets physiologiques, psychiques et pathologiques d'une ambiance climatique*, Centre de Recherches de Climatologie, Université de Bourgogne, Dijon, 1987, 752 p.
- *Climat et tourisme*, Collection Géographie, Masson, Paris, 1990, 223 p.
- BESANCENOT, J. P.; MOUNIER, J.; LAVENNE, F. — «Les conditions climatiques du tourisme littoral: une méthode de recherche compréhensive», *Norois*, 1978, t. XXV, n.º 99, p. 357-382.
- PAGNEY, P. — *Les climats de la Terre*, Masson, Paris, 1976, 151 p.